

# DIAPHONÍA E ISOSTHÉNEIA: DUAS VIAS PARA A EPOKHÉ

Wesley Rennyer Porto<sup>1</sup>

**RESUMO:** O ceticismo pirrônico é profundamente marcado, sobretudo pela exposição legada por Sexto Empírico, por um vasto encadeamento de razões que visam demonstrar a necessidade da *suspensão do juízo*. No âmbito desse procedimento argumentativo, o elemento da *divergência* (*διαφωνία*) e do *equilíbrio* (*ἰσοσθένεια*) emergem como fatores de relevo para o discurso cético. Portanto, neste artigo, buscaremos analisar esses dois importantes elementos e esclarecer como eles se articulam no interior da estrutura argumentativa pirrônica.

**PALAVRAS-CHAVES:** Pirronismo, argumentação, divergência, equilíbrio.

**ABSTRACT:** The pyrrhonian scepticism is deeply characterized, mainly by the exposition handed down by Sextus Empiricus, through a vast chain of reasons which seeks to demonstrate the necessity of the *suspension the judgement* (*ἐποχή*). Within the scope of this argumentative procedure, the elements of *divergence* (*διαφωνία*) and *equipoise* (*ἰσοσθενεία*) emerge as important factors for sceptic discourse. Therefore, in this article, we will analyze these two important elements and clarify how they are articulated within the pyrrhonian argumentative structure.

**KEYWORDS:** Pyrrhonism, argumentation, divergence, equipoise.

Górgias escreveu em seu *Elogio de Helena* que “o *λόγος* é um grande senhor”<sup>2</sup>; mas foram os céticos gregos, séculos mais tarde, que tomaram tal máxima em sua mais profunda acepção. Nossa declaração inicial pode ser justificada mediante uma análise dos escritos de Sexto Empírico, pensador cético do século II d.C. cujos trabalhos representam, indiscutivelmente, a mais importante fonte sobre o ceticismo pirrônico que chegou até nós. Grego, filósofo e médico, Sexto Empírico é o responsável por conferir pela primeira vez ao ceticismo uma estruturação lógica dos seus argumentos, por explicar a finalidade do ceticismo e desvinculá-lo de noções afins.

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Graduando em Letras Clássicas pela UFPB. E-mail: [wesley.rennyer@hotmail.com](mailto:wesley.rennyer@hotmail.com)

<sup>2</sup> “*λόγος δυνάστης μέγας ἐστίν*” (GÓRGIAS, *Elogio de Helena*, 8).

Enquanto membro-chefe da “escola” cética, Sexto Empírico buscou investigar a problemática relativa ao conhecimento e a verdade pelo prisma da tradição pirrônica, o que significa dizer que ele herdou, em maior ou menor grau, lições de pensadores como Pirro de Élis<sup>3</sup>, Tímon de Fliunte<sup>4</sup>, Enesidemo de Cnossos<sup>5</sup>, Agripa<sup>6</sup>, Menodoto<sup>7</sup> e Heródoto<sup>8</sup>, ninguém menos que os principais céticos da Antiguidade. Em seu empreendimento cético, Sexto Empírico desenvolveu, de maneira sistemática, um incrível conjunto de argumentos voltados ao colapso teórico das teses do que ele denominou de “filosofias dogmáticas”.

Os dogmáticos, segundo Sexto, seriam os partidários de alguma doutrina filosófica que afirmam ter descoberto a *verdade* (*ἀλήθεια*), ou, se preferirmos, aqueles que julgam ter apreendido a natureza última das coisas. Na realidade, Sexto admite apenas três tipos de filosofia, a *dogmática*, que como mencionamos acima assegura ter encontrado a verdade, a *acadêmica*, que diz que a verdade é inapreensível, e a *cética*, que se mantém na investigação.

Τοῖς ζητοῦσί τι πράγμα ἢ εὕρεσιν ἐπακολουθεῖν εἰκὸς ἢ ἄρνησιν εὐρέσεως καὶ ἀκαταλεψίας ὁμολογίαν ἢ ἐπιμονὴν ζητήσεως. διόπερ ἴσως καὶ ἐπὶ τῶν κατὰ φιλοσοφίαν ζητουμένων οἱ μὲν εὕρηκέναι τὸ ἀληθὲς ἔφασαν, οἱ δ' ἀπεφώνησαν μὴ δυνατὸν εἶναι τοῦτο καταληφθῆναι οἱ δὲ ἔτι ζητοῦσιν. καὶ εὕρηκέναι μὲν δοκοῦσιν οἱ ἰδίως καλούμενοι δογματικοί, οἷον οἱ περὶ Ἀριστοτέλεν καὶ Ἐπίκουρον καὶ τοὺς στωικοὺς καὶ ἄλλοι τινές, ὡς δὲ περὶ ἀκαταλήπτων ἀπεφώνησαν οἱ περὶ Κλειτόμαχον καὶ Καρνεάδην καὶ ἄλλοι Ἀκαδημαῖκοί, ζητοῦσι δὲ οἱ σκεπτικοί. (ΣΕΞΤΟΥ ΕΜΠΕΙΡΙΚΟΥ, Π.Υ., Ι, § 1-3).

É natural que quem investiga algo ou descobre aquilo que persegue, ou recusa sua descoberta e confessa ser [aquilo que busca] inapreensível, ou se detém na investigação. Por isso, possivelmente, também acerca das investigações filosóficas, alguns diziam ter alcançado a verdade, outros declaram que ela [a verdade] não pode ser compreendida, enquanto outros continuam investigando. Aqueles propriamente chamados dogmáticos declaram tê-la descoberto, como por exemplo, os discípulos de Aristóteles, Epicuro, dos estoicos e alguns outros; os seguidores de Clitômaco, Carnéades e outros acadêmicos, a declaram inapreensível, porém os céticos examinam. (SEXTO EMPÍRICO, *P.H.*, I, § 1-3).

<sup>3</sup> Não apenas nas fontes mais respeitadas da antiguidade, mas também nos textos mais recentes (fruto de exaustivas pesquisas dos documentos e registros históricos) encontramos o parecer de que Pirro (séc. IV-III a.C.) é o legítimo fundador da tradição cética, ou, se preferirmos, do pirronismo. Cf. Sexto Empírico, *Hipotiposes Pirrônicas*, I, § 7; Victor Brochard, *Os Céticos Gregos*, I, p. 65; Oswaldo Porchat, *Rumo ao ceticismo*, p. 281; Mary Mills Patrick, *Sextus Empiricus and the Greek Scepticism*, p. 88.

<sup>4</sup> Tímon, o silógrafo (séc. III-II a.C.), foi discípulo direto de Pirro e reconhecido como “the most important source of our information concerning the philosophical views of Pyrrho” (SVAVARSSON, 2010, p. 37).

<sup>5</sup> O cretense Enesidemo de Cnossos (séc. I a.C.) é considerado, junto com Pirro, como o mais ilustre cético da Antiguidade (BROCHARD, 2009, p. 248). Ele fora responsável por dar uma nova vida ao ceticismo, por estabelecer distinções entre o pensamento pirrônico e acadêmico, e, sobretudo, por ter desenvolvido os famosos dez *τρόποι* do pirronismo.

<sup>6</sup> Mesmo que não se saiba praticamente nada além do século que esse filósofo viveu, isto é, século I d.C. e início do século II, é amplamente aceito que Agripa tenha sido célebre em seu tempo. Ele é responsável pela criação dos cinco *τρόποι* que refinam o arsenal argumentativo cético.

<sup>7</sup> Menodoto de Nicomédia (séc. I-II d.C.) foi o primeiro cético que sabemos ter sido médico. Um dos que junto com Teódas de Laodiceia selaram “definitivamente a aliança do ceticismo com a medicina empírica” (BROCHARD, 2009, p. 315).

<sup>8</sup> Heródoto de Tarso (séc. II d.C.) foi predecessor e mestre de Sexto Empírico.

Temos, então, mediante o que nos apresenta Sexto, uma caracterização dos céuticos como os filósofos que essencialmente investigam. O substantivo grego **σκεπτικός** (*céuticos*), que pode significar *aquele que busca, investiga, inspeciona ou examina*, é empregado por Sexto como marca distintiva de um modo singular de filosofar que se propõe não-dogmático. Se a busca é contínua, não há qualquer adesão a dogmas, mas apenas o constante exercício crítico do pensar investigativo. Por isso mesmo Sexto lembra que: “A via céutica também é chamada investigativa devido à atividade de investigar e observar” (SEXTO, *P.H.*, I, § 7)<sup>9</sup>.

No intuito de denunciar a temeridade das teses dos dogmáticos, Sexto Empírico não economizou argumentos e estratégias dialéticas para demonstrar que os discursos filosóficos se encontram imersos numa indecível disputa acerca das mais variadas questões. Infinitamente distantes de uma reconciliação harmoniosa entre suas teorias, as filosofias dogmáticas, absortas pelo fascínio que exerce o **λόγος**, não se deram conta do imenso, antagônico e insolúvel oceano teórico sobre o qual navegam. Esse quadro de tenaz divergência diagnosticado pelos céuticos, representa parte crucial das razões que, segundo a tradição pirrônica, conduzem à *suspensão do juízo*.

É bastante evidente para o leitor de Sexto, principalmente quando se observa o desenvolvimento da crítica sextiana às filosofias dogmáticas, que os céuticos conferem uma atenção especial ao discurso – o que justifica a nossa referência inicial à frase de Górgias de Leontinos. Na verdade, antes mesmo de dar início ao ataque frontal aos dogmáticos, Sexto Empírico apresenta, ainda nas passagens iniciais do livro I das *Hipotiposes Pirrônicas*, uma caracterização do ceticismo que prenuncia o quão fundamental é o papel da capacidade antitética do pirronismo (a qual se manifesta por meio do discurso), e como ela é imprescindível para o estado subsequente de suspensão do assentimento:

Ἔστι δὲ ἡ σκεπτικὴ δύναμις ἀντιθετικὴ φαινομένων τε καὶ νοουμένων καθ' οἰονδήποτε τρόπον, ἀφ' ἧς ἐρχόμεθα διὰ τὴν ἐν τοῖς ἀντικειμένοις πράγμασι καὶ λόγοις ἰσοσθένειαν τὸ μὲν πρῶτον εἰς ἐποχὴν τὸ δὲ μετὰ τοῦτο εἰς ἀταραξίαν. (ΣΕΞΤΟΥ ΕΜΠΕΙΡΙΚΟΥ, Π.Υ., I, § 8).

O ceticismo é a capacidade de contrapor de todos os modos possíveis aparências e pensamentos, de tal forma que através do equilíbrio entre os objetos e as razões contrárias chegamos primeiro à suspensão do juízo, depois à tranquilidade. (SEXTO EMPÍRICO, *P.H.*, I, § 8).

Decerto, o elemento da *suspensão do juízo* (**ἐποχή**), ao qual se refere Sexto, é passível de ser considerado como um dos elementos mais importantes do ceticismo pirrônico. Por isso mesmo a

<sup>9</sup> “Ἡ σκεπτικὴ τοίνυν ἀγωγή καλεῖται μὲν καὶ ζητητικὴ ἀπὸ ἐνεργείας τῆς κατὰ τὸ ζητεῖν καὶ σκέπτεσθαι” (ΣΕΞΤΟΥ, Π.Υ., I, § 7).

esmagadora maioria dos argumentos erigidos pela tradição cética visam demonstrar a inevitabilidade da **ἐποχή**, além de compreendê-la como a condição *sine qua non* para se alcançar a *tranquilidade da alma* (**ἀταραξία**)<sup>10</sup>. Essa mesmíssima compreensão é atestada pela doxografia antiga, que sobre a escola cética nos informa que:

τέλος δὲ οἱ σκεπτικοὶ φασι τὴν ἐποχὴν, ἧ σκιᾶς τρόπον ἐπακολουθεῖ ἡ ἀταραξία, ὡς φασιν οἱ τε περὶ τὸν Τίμωνα καὶ Αἰνεσίδημον. (ΔΙΟΓΕΝΟΥΣ ΛΑΕΡΤΙΟΥ, *Βίων καὶ γνώμων τῶν ἐν φιλοσοφίᾳ εὐδοκιμησάντων*, IX, 107).

Os céticos dizem que a suspensão do juízo é seu fim, e que a imperturbabilidade a acompanha à maneira de uma sombra, como dizem os discípulos de Tímon e Enesidemo (DIÓGENES LAÉRTIO, *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*, IX, 107).

A *suspensão do juízo* (**ἐποχή**), ao passo que cumpre com o papel de caracterização da postura dos antigos céticos gregos, acaba estabelecendo, também, uma diferença fundamental entre o ceticismo e as filosofias dogmáticas. Tendo em vista essa importância, faz-se necessário que antes que nos aprofundemos no aspecto da *divergência* e, por conseguinte, principiemos nossa análise do *equilíbrio* dos **λόγοι**, confirmamos maior atenção à *suspensão do juízo* e investiguemos em que consiste propriamente a noção de **ἐποχή** conforme pensaram os pirrônicos.

Nesse sentido, devemos nos perguntar, em primeiro lugar, acerca do que é propriamente um juízo, ou, de maneira mais genérica, devemos nos questionar em que consiste aquilo que os céticos pirrônicos dizem ser necessário suspender para que não incorramos em dogmatismo. Podemos encontrar uma ideia clara desse ponto tão nevrálgico do pirronismo?

Uma das maneiras possíveis para respondermos a essa indagação consiste em voltarmos à noção de **λόγος ἀποφαντικός**<sup>11</sup> exposta por Aristóteles em sua célebre obra *Da Interpretação*. A definição de *discurso declaratório* que o estagirita nos oferece não se distancia, assim presumimos, daquilo que poderíamos entender por juízo, tendo em vista que a *declaração*, como veremos, afirma ou nega algo de algo, tal como ocorre em um juízo. Aristóteles diz:

ἀποφαντικός δὲ οὐ πᾶς, ἀλλ' ὡςπερ ἐν ᾧ τὸ ἀληθεύειν ἢ ψεύδεσθαι ὑπάρχει· (...) τούτων δ' ἡ μὲν ἀπλή ἐστὶν ἀπόφασις, οἷον τι κατὰ τινὸς ἢ τὸ ἀπὸ τινός, ἢ δ' ἐκ' τούτων συγκειμένη, οἷον λόγος τις ἤδη σύνθετος. Ἔστι δ' ἡ μὲν ἀπλή ἀπόφασις φωνῆ σημαντικῆ περὶ τοῦ εἰ ὑπάρχει τι ἢ μὴ ὑπάρχει, ὡς οἱ χρόνοι διήρηνται (ΑΡΙΣΤΟΤΕΛΗΣ, *Περὶ Ἑρμηνείας*, 17a, IV, V, VI).

Nem todo [discurso] é declaratório, mas só aquele em que subsiste o que é verdadeiro ou o que é falso (...) Dos discursos declaratórios, há, por um lado, a declaração simples, como afirmar algo de algo ou negar algo de algo; enquanto que, por outro lado, há a declaração composta, como por exemplo qualquer discurso já composto. Uma declaração simples é

<sup>10</sup> Não trataremos aqui da questão da *ataraxia* dos céticos, pois isso nos conduziria a discussões que fogem do escopo do nosso trabalho.

<sup>11</sup> Trata-se do *discurso declaratório*, ou, para alguns intérpretes, da *proposição*. Tomaremos neste artigo as duas terminologias indistintamente, como sinônimas.

uma emissão de voz com significado acerca de: se subsiste algo ou não subsiste [em alguma coisa], conforme os tempos são separados (ARISTÓTELES, *Da Interpretação*, 17a, IV, V, VI).

Não é difícil entender, para não dizermos que é óbvio, que a noção de **λόγος ἀποφαντικός** em Aristóteles deve ser entendida como uma expressão declarativa produto de um processo mental que aqui tomaremos a liberdade de chamar de “juízo”. Em verdade, a expressão de um juízo se manifesta por meio de um discurso declarativo, e esse, por sua vez, dá origem às nossas afirmações e negações. Desse modo, o juízo acaba se configurando como uma operação mental pela qual aceitamos ou recusamos alguma coisa ou declaramos algo, pois o juízo designa assentimento ou discordância, afirmação ou negação, ou mesmo, para fazermos uso das nomenclaturas mais correntes no pirronismo, atribui valor de verdade ou falsidade a algo.

Se se pode entender o significado de juízo dessa maneira, e acreditamos ser plausível essa interpretação, estamos diante daquilo que os céticos visam evitar por meio da **ἐποχή**, isto é, o assentimento a algo cuja verdade ou falsidade não podemos determinar. Não parece ser outro o sentido que Sexto (conforme exposto no livro I das *Hipotiposes Pirrônicas*) confere à **ἐποχή**, pois, segundo o próprio Sexto, a “suspensão do juízo é um estado de repouso do intelecto, em virtude da qual nem rejeitamos, nem afirmamos nada” (SEXTO, *P.H.*, I, § 10)<sup>12</sup>.

Esclarecida sucintamente a noção de **ἐποχή**, precisamos, agora, investigar qual o procedimento argumentativo que os céticos se valem para demonstrar a necessidade de nós assumirmos uma postura suspensiva. Nesse senguimento, como os elementos que conduzem à **ἐποχή** possuem uma ampla diversidade, trataremos neste artigo apenas de duas das razões que os céticos consideram fundamentais nesse processo, ou seja, o elemento da **διαφωνία** (*discordância*) e da **ἰσοσθένεια** (*equivalência*)<sup>13</sup>.

No ceticismo pirrônico, a problemática relativa à *discordância* entre os discursos filosóficos se apresenta de modo diversificado nas obras de Sexto Empírico. Esse tipo de argumento, o primeiro dos cinco **τρόποι**<sup>14</sup> elaborados por Agripa, visa demonstrar a existência de uma universal discórdia entre os discursos dos homens nos mais variados âmbitos.

Οἱ δὲ νεώτεροι σκεπτικοὶ παραδιδόασι τρόπους τῆς ἐποχῆς πέντε τοῦσδε, πρῶτον τὸν ἀπὸ τῆς διαφωνίας, δεύτερον τὸν εἰς ἄπειρον ἐκβάλλοντα, τρίτον τὸν ἀπὸ τοῦ πρὸς τι, τέταρτον τὸν ὑποθετικόν, πέμπτον τὸν διάλληλον. καὶ ὁ μὲν ἀπὸ τῆς διαφωνίας

<sup>12</sup> “ἐποχή δέ ἐστι στάσις διανοίας δι’ ἣν οὔτε αἴρομέν τι οὔτε τίθεμεν” (SEXTOY, *Π.Υ.*, I, § 10).

<sup>13</sup> O recorte teórico-metodológico do nosso trabalho fará com que nos concentremos exclusivamente nesses dois aspectos. Todavia, explicitamos ao leitor que as razões para a suspensão do juízo elencadas por Sexto Empírico são abundantes em suas obras.

<sup>14</sup> O termo **τρόπος** (ou o plural **τρόποι**) também é denominado pela tradição cética, segundo o próprio Sexto, de **λόγοι** ou **τόποι**. Isso se torna bastante claro a partir do que Sexto nos diz em suas *Hipotiposes Pirrônicas*: “(...) Eles [os antigos céticos] usam ‘argumentos’ ou ‘esquemas’ como sinônimo de ‘tropoi’” (SEXTO EMPÍRICO, *P.H.*, I, § 36).

ἔστι καθ' ὃν περὶ τὸν προτεθέντος πράγματος ἀνεπίκριτον στάσις παρά τε τῷ βίῳ καὶ παρὰ τοῖς φιλοσόφοις εὐρίσκομεν γεγεννημένην, δι' ἣν οὐ δυνάμενοι αἰρεῖσθαι τι ἢ ἀποδοκιμάζειν καταλήγομεν εἰς ἐποχὴν (ΣΕΧΤΟΥ ΕΜΠΕΙΡΙΚΟΥ, Π.Υ., Ι, § 164-165).

Os novos céticos transmitem os seguintes cinco modos da suspensão do juízo: primeiro, [o modo] que parte da divergência; segundo, [o modo] da regressão ao infinito; terceiro, [o modo] que parte da relatividade; quarto, [o modo] hipotético; quinto, [o modo] do raciocínio circular. O [modo] da divergência é aquele segundo o qual descobrimos que acerca dos assuntos propostos tem surgido, tanto da parte da vida [comum] quanto da parte dos filósofos, uma irresolúvel disputa; por isso nós não somos capazes nem de escolher nem de rejeitar algo, e terminamos na suspensão do juízo (SEXTO EMPÍRICO, P.H., Ι, § 164-165).

O *τρόπος* da *διαφωνία* não nos revela outra coisa senão que os discursos filosóficos (ou mesmo as opiniões das pessoas comuns), encontram-se numa interminável e indecível disputa acerca de uma ampla variedade de questões. Nessa acepção, a própria história das ideias despontaria como a principal fonte de revelação desse antagônico quadro, o qual não pode ser escamoteado por meio de nenhum expediente, pois a própria história das ideias reforça a percepção de que há uma lógica autofágica e antagônica presente nas doutrinas e nos sistemas filosóficos.

À luz dessa compreensão do movimento das ideias humanas, os céticos pirrônicos conceberam que instituir um acordo harmonioso entre as diversas doutrinas filosóficas conflitantes – visto que cada uma delas confessa ser a legítima portadora da verdade –, ser-nos-ia impraticável, tanto ao que concerne ao conteúdo da doutrina em questão, quanto no que concerne nos critérios para julgá-la.

Não lhes era difícil, aos céticos, constatar o desacordo permanente entre as diferentes posições da filosofia dogmática da antiguidade, as recíprocas condenações e desmentidos, a infinita multiplicidade de suas opiniões inconciliáveis, a contestação incessante dos argumentos adversários. Polêmica secular e sempre renascente, que concernia, não apenas ao conteúdo material da Verdade procurada e pretensamente descoberta, mas à própria noção de verdade e à natureza do ou dos critérios válidos para estabelecê-la. (PORCHAT, *Rumo ao ceticismo*, p. 15).

Sumariamente falando, o ceticismo constatou que a filosofia parece inexoravelmente condenada a uma insolúvel divergência entre si. Nisso se baseia o argumento da *διαφωνία*. A evocação desse argumento por Sexto Empírico parte do entendimento de que ao longo de toda a tradição filosófica o caráter antagônico do *lógos* deu origem a uma proliferação de posições filosóficas contrárias, visivelmente incompatíveis entre si e jamais conciliáveis.

Aos olhos dos céticos, a história da filosofia não seria outra coisa senão a história do interminável conflito entre os diversos sistemas filosóficos. Por certo, na medida em que cada filosofia pretende essencialmente se colocar na condição autodeterminante de portadora ou representante da verdade (*ἀλήθεια*), elas acabam fatalmente sendo conduzidas a uma recíproca

exclusão, pois não parece ser outra a consequência dessa querela, uma vez que “pertence a cada filosofia o dever de impor-se como a única e verdadeira Filosofia” (PORCHAT, 2006, p. 16).

Essa realidade antagônica sempre presente nas filosofias, que implica numa abordagem crítica e muitas vezes “desqualificante” das suas adversárias, constituiria, desde a origem do pensamento filosófico, a perpetuação histórica da *διαφωνία* (*discordância*). Assim, a manifestação do universo conflituoso dos discursos filosóficos, revela-se, na concepção cética, como um problema de caráter indissolúvel, pois os possíveis critérios de solução do problema fazem eles próprios parte da problemática da indecibilidade do conflito. Portanto, diante desse quadro de divergência colossal, os cétricos propõem a *suspenção o juízo*:

[...] se mantemos vivas as exigências de uma racionalidade crítica que nos proíbe a precipitação dogmatizante e o assentimento temerário a um ponto de uma doutrina momentaneamente sedutor, então nenhuma decisão filosófica se faz possível, não vemos como atribuir verdade a qualquer doutrina. Nessa incapacidade crítica de escolhermos verdades, temos retido nosso assentimento, ficamos em *epokhé*. (PORCHAT, *Rumo ao ceticismo*, p. 119).

Ora, se pudermos compreender a história do pensamento filosófico como a história da divergência inesgotável, então toda pretensão de verdade da filosofia está aparentemente condenada à ruína. Todavia, aqui uma objeção poderia ser dirigida aos pirrônicos, uma vez que seus próprios argumentos poderiam ser direcionados contra eles mesmos, de modo a inserir os cétricos, também, como mais uma voz no coro desarmônico das doutrinas filosóficas. Ora, se a adesão a um discurso P não é mais legítimo do que a adesão a um discurso ~P, por que haveríamos de ouvir o discurso cético em detrimento do discurso não-cético?

Sexto Empírico, ainda em sua época, buscou traçar as diferenças entre o discurso cético e o dogmático, de modo a fornecer respostas a tais objeções. A famosa metáfora da escada, utilizada quase vinte séculos depois por Wittgenstein, é um dos modos que Sexto, didaticamente, tenta explicar o teor do discurso cético e distingui-lo do dogmático.

καὶ πάλιν ὡς οὐκ ἀδύνατόν ἐστι τὸν διὰ τινος κλίμακος ἐφ' ὑψηλὸν ἀναβάντα τόπον μετὰ τὴν ἀνάβασιν ἀνατρέψαι τῷ ποδὶ τὴν κλίμακα, αὕτως οὐκ ἀπέοικε τὸν σκεπτικόν, ὡς διὰ τινος ἐπιβάθρας τοῦ δεικνύοντος λόγου τὸ μὴ εἶναι ἀποδειξιν χωρήσαντα ἐπὶ τὴν τοῦ προκειμένου κατασκευήν, τότε καὶ αὐτὸν τοῦτον τὸν λόγον ἀνελεῖν. (ΣΕΞΤΟΥ ΕΜΠΕΡΙΚΟΥ, *A.M.*, VIII, § 481).

E de novo, assim como não é impossível que alguém que tenha subido até um lugar elevado por meio de uma escada depois de subir derrube a escada com o pé, da mesma maneira não é inverossímil que o cético, após ter obtido êxito no emprego do argumento que mostra que não existe demonstração, como que se fosse uma escada, também descarte esse mesmo argumento. (SEXTO EMPÍRICO, *A.M.*, VIII, § 481).

Na realidade, o discurso cético, diferente do dogmático, não é positivo, não visa exprimir qualquer verdade. Como nos diz Sexto (*P.H.*, I, § 14), enquanto o dogmático estabelece como existente o objeto sobre o qual dogmatiza, o cético, por sua vez, não dá por estabelecido em absoluto seus enunciados, pois não lhe escapa que, os tipos de enunciado tais como “*tudo é falso*” ou “*nada é verdadeiro*”, não são mais verdadeiros que falsos, e, por isso, se anulam a si mesmos<sup>15</sup>. Dizemos, então, que o discurso cético não é *tético*, pois não estabelece nada efetivamente, não “*põe*” como verdadeiro o que profere.

περὶ πασῶν γὰρ τῶν σκεπτικῶν φωνῶν ἐκεῖνο χρῆ προειληφέναι ὅτι περὶ τοῦ ἀληθεῖς αὐτὰς εἶναι πάντως οὐ διαβεβαιούμεθα, ὅπου γε καὶ ὑφ’ ἑαυτῶν αὐτὰς ἀναιρεῖσθαι λέγομεν δύνασθαι, συμπεριγραφομένης ἐκείνοις περὶ ὧν λέγονται, καθάπερ τὰ καθαρτικὰ τῶν φαρμάκων οὐ μόνον τοὺς χυμοὺς ὑπεξαιρεῖ τοῦ σώματος ἀλλὰ καὶ ἑαυτὰ τοῖς χυμοῖς συνεξάγει. (ΣΕΞΤΟΥ ΕΜΠΕΙΡΙΚΟΥ, Π.Υ., I, § 206).

Acerca, pois, de todas as expressões cétricas, deve-se presumir que nós não afirmamos serem elas absolutamente verdadeiras, visto que também dizemos que elas podem ser destruídas por elas mesmas, sendo circunscritas com aquelas relativamente às quais são referidas, assim como os fármacos purgativos não apenas expulsam os humores do corpo, mas também conduz simultaneamente para fora a si próprios junto com os humores. (SEXTO EMPIRICO, *P.H.*, I, § 206).

O cético usa a linguagem de maneira trivial. Ele narra a sua experiência como uma expressão que tão somente indica sua *afecção* (*πάθος*) – assim nos descreve Sexto (*P.H.*, I, § 197). O cético, nomeadamente, relata as coisas conforme lhe aparecem, descrevendo o fenômeno, sem pretender que a linguagem tenha poder de instaurar o que quer que seja (PORCHAT, 2006, p. 126). Muito acertadamente escreve sobre esse quesito Porchat, ao dizer que:

Precisamente porque não pode o cético, em suspensão de juízo sobre as doutrinas dogmáticas, pretender que seu discurso exprima a realidade, porque ele o vê necessariamente confinado ao domínio de sua experiência fenomênica, tem ele de apresentá-lo como um discurso, por assim dizer, *confessional*. (PORCHAT, *Ensaio sobre o ceticismo*, p. 43).

Apresentadas as devidas ressalvas e explicações sobre o *λόγος* cético, passemos, então, à apreciação do aspecto da *ἰσοσθένεια* (*equivalência*) entre os discursos: elemento bastante caro aos pirrônicos no que diz respeito à obtenção da suspensão do juízo. Conjuntamente ao quadro de dissonância apresentado, ergue-se, como mais uma das razões que conduzem à *ἐποχή*, o aspecto do *equilíbrio* ou igual força dos argumentos contrários, que representa, sem dúvida, mais um obstáculo à pretensão dogmática de estabelecer um discurso indubitavelmente verdadeiro sobre a realidade.

<sup>15</sup> Não no discurso pirrônico o que alguns estudiosos denominam de “caráter tético”, isto é, uma afirmação positivo do discurso.

De um modo geral, no que diz respeito à *ἰσοσθένεια*, o cético visa demonstrar que nenhum argumento pode ser categoricamente decisivo num debate, pois contra as razões apresentadas a favor de uma determinada teoria sempre será exequível invocar razões equivalentes em força e credibilidade. Com efeito, se assim se dão os confrontos argumentativos, nenhuma das teorias conflitantes poderia definitivamente suplantar a sua rival, logo não haveria qualquer justificativa racional para optarmos por uma teoria em detrimento de outra, pois ambas seriam equivalentes.

Em outros termos, o que ceticismo procura mostrar é que em meio às controvérsias dos argumentos contrários sempre poder-se-ia invocar razões igualmente persuasivas para defender ambas as posições conflitantes. Sexto entende essa noção como um dos princípios constitutivos do ceticismo:

συστάσεως δὲ τὴν σκεπτικῆς ἐστὶν ἀρχὴ μάλιστα τὸ παντὶ λόγῳ λόγον ἴσον ἀντικεῖσθαι ἀπὸ γὰρ τοῦτο καταλήγειν δοκοῦμεν εἰς τὸ μὴ δογματίζειν. (ΣΕΞΤΟΥ ΕΜΠΕΙΡΙΚΟΥ, Π.Υ., I, § 12).

O princípio básico da disposição cética é que a todo argumento se contrapõe um argumento equivalente, pois, a partir disso, nós pensamos, se segue o não dogmatizar. (SEXTO EMPÍRICO, P.H., I, § 12).

Ora, se não se pode provar que uma tese é mais digna de crédito do que outra, também não se pode, em decorrência disso, colocar-se a favor ou contra uma ou outra tese. Toda e qualquer escolha diante de um quadro inequívoco de equivalência sempre será, na ótica pirrônica, uma escolha arbitrária e dogmática. Com efeito, dado esse quadro de equivalência, os céticos veem como única alternativa suspender o juízo. Charles Landesman ilustra bem esse estado de impossibilidade de decisão no seguinte trecho de sua obra *Ceticismo*:

O cético pirrônico recomenda que, como as razões usadas para dar suporte a qualquer juízo sobre realidades externas e objetos não-evidentes em geral não são melhores do que as razões usadas para dar suporte à sua negação, devemos suspender qualquer juízo a respeito deles. (LANDESMAN, *Ceticismo*, p. 103).

Na realidade, em boa parte da obra sextiana nos deparamos com o uso sistemático de uma dialética antinômica, que se volta exclusivamente para o exercício de trazer à tona a *divergência* e o *equilíbrio* entre os *λόγοι*. Para por em prática esse procedimento dialético, Sexto segue a lógica comum dos dogmáticos acerca da argumentação e da prova, utilizando instrumentalmente os argumentos dogmáticos contra o próprio dogmatismo, assim, uma vez instaurada a ambiguidade entre os discursos, a dialética cética faz irromper a *ἰσοσθένεια*, de modo a solapar, epistemologicamente, ambas as teses em disputa<sup>16</sup>.

<sup>16</sup> Em sua obra *Rumo ao ceticismo* Oswaldo Porchat expõe uma importante explicação sobre o método de antinomias erigidas pela dialética dos céticos. Lá ele demonstra de que modo o ceticismo se apropria instrumentalmente dos argumentos dogmáticos a fim

O cético, ao dizer que “a toda razão se opõe uma razão equivalente”, refere-se a toda razão examinada por eles, que nada tem a ver com a razão em si mesma, mas apenas àquela razão empregada pelos dogmáticos ao endossar algo incerto, quer dizer, algo equivalente no que diz respeito a sua credibilidade ou incredibilidade (SEXTO, *P.H.*, I, § 202). No entanto, essa fórmula da *isosthéneia* não é ela mesma positiva – como já explicamos –, porém, é válida para o cético enquanto instrumento de problematização gnosiológica, e, como nos diz Sexto, constitui-se como um discurso de natureza fenomênica, relato de suas afecções.

ὅταν οὖν ἔπω “παντὶ λόγῳ λόγος ἴσος ἀντίκειται”, δυνάμει τοῦτό φημι “παντὶ τῷ ὑπ’ ἐμοῦ ἐξητασμένῳ λόγῳ, ὃς κατασκευάζει τι δογματικῶς, ἕτερος λόγος κατασκευάζων τι δογματικῶς, ἴσος αὐτῷ κατὰ πίστιν καὶ ἀπιστίαν, ἀντικεῖσθαι φαίνεται μοι”, ὡς εἶναι τὴν τοῦ λόγου προφορὰν οὐ δογματικὴν ἀλλ’ ἀνθρωπείου πάθους ἀπαγγελίαν, ὃ ἐστὶ φαινόμενον τῷ πάσχοντι. (ΣΕΞΤΟΥ ΕΜΠΕΙΡΙΚΟΥ, *Π.Υ.*, I, § 203).

Portanto, quando eu digo “a todo argumento se contrapõe um argumento igual”, expresso virtualmente isto: “a todo argumento examinado por mim, que estabelece algo dogmaticamente, aparece a mim opor-se outro argumento, equivalente a ele quanto à credibilidade e incredibilidade, que estabelece algo dogmaticamente”; assim, a enunciação desta expressão não é dogmática, mas um relato de uma afecção humana, que é aparente aos que experienciam isso. (SEXTO EMPÍRICO, *P.H.*, I, § 203).

Por fim, à luz dos elementos que foram apresentados, podemos concluir que a *divergência* (*διαφωνία*) e a *equipotência* (*ἰσοσθένεια*) constituem aspectos fundamentais para o ceticismo pirrônico, e, ao mesmo tempo, são essenciais para a obtenção daquilo que os pirrônicos chamam de *suspensão do juízo* (*ἐποχή*). Vimos também que, na óptica da tradição cética, a *suspensão do juízo* reflete o estado do cético após a investigação exaustiva empreendida com rigor e espírito crítico, uma vez que frente às inconciliáveis discordâncias entre as filosofias e pelo equilíbrio das razões contrárias, o ser humano encontra-se sem as mínimas condições de escolher ou decidir, afirmar ou negar, assentir ou rejeitar (PORCHAT, 2006, p. 119). A divergência e o equilíbrio, incorporados ao *corpus* argumentativo pirrônico, impele o homem à suspensão do juízo, que representa, por sua vez, o antídoto que o homem necessita para que possa escapar à precipitação dogmatizante. Suspendendo todo assentimento, as perniciosas inquietações da alma – efeito da precipitação de julgamento – poderia ser evitada, e homem, pensavam os céticos, talvez lograsse viver tranquilo.

---

de colocados em confronto entre si e assim fazê-los se autorrefutarem: “Os argumentos ‘destrutivos’ são construídos no melhor estilo dogmático, seguem os padrões da lógica e demonstração dogmática, são *argumentos dogmáticos*, sob esse prisma em nada se distinguem em natureza dos argumentos dogmáticos ‘construtivos’ com os quais se fazem conflitar. Por que o que importa aos pirrônicos mostrar é precisamente essa ambivalência fundamental e constitutiva da argumentação dogmática, que implica sua autodestruição, graças à manifestação da *isosthéneia* e à subsequente inevitabilidade da *epokhé*.” (PORCHAT, *Rumo ao ceticismo*, p. 158-159).

## REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Da Interpretação*. Tradução de José Veríssimo T. da Mata. São Paulo: UNESP, 2013.
- BROCHARD, Victor. *Os Céticos Gregos*. Tradução de Jaimir Conte. São Paulo: Odysseus, 2009.
- GÓRGIAS. *Testemunhos e Fragmentos*. Tradução de Manuel Barbosa e Inês de Ornellas. Lisboa: Colibri, 1993.
- LANDESMAN, Charles. *Ceticismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- PATRICK, Mary Mills. *Sextus Empiricus and the Greek Scepticism*. Cambridge, 1899.
- PORCHAT, Oswaldo. *Rumo ao ceticismo*. São Paulo: UNESP, 2006.
- SEXTUS EMPIRICUS. Work in four volumes. *Outlines of Pyrrhonism*. Edited by R. G. Bury. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, Vol. I, 1976.
- \_\_\_\_\_. Work in four volumes. *Against the Logicians*. Edited by R. G. Bury. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, Vol. II, 1967.
- \_\_\_\_\_. Work in four volumes. *Against the Physicists and Against the Ethicists*. Edited by R. G. Bury. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, Vol. III, 1968.
- \_\_\_\_\_. Work in four volumes. *Against the Professors*. Edited by R. G. Bury. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, Vol. IV 1971.
- SMITH, P. J. / FILHO, W. S. *Ensaio sobre o ceticismo*. São Paulo: Alameda, 2007.
- SVAVARSSON, S. H. Pyrrho and early Pyrrhonism. In: BETT, Richard (Org.). *The Cambridge Companion to Ancient Scepticism*. Cambridge University Press, New York, 2010.